VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS NO COLIPETE 2018, SÃO LUÍS DO MARANHÃO:
Revisitando memórias para pensar pedagogias utópicas em tempos de distopias

EXPERIENCES AND CONVIVENCES IN COLIPETTE 2018, SÃO LUIS DO MARANHÃO:
Revisiting memories to think utopian pedagogies in times of dystopias

Daniela Rosante Gomes
danielagomes@uft.edu.br
UDESC, UFT

Resumo:

O presente artigo tem suas reflexões tecidas a partir do cruzamento de memórias da autora, tomando como ponto de partida o COLIPETE 2018: II Colóquio Internacional de Pedagogia em Teatro, ocorrido em junho de 2018 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) com a temática: "Territórios em Pedagogia do Teatro: Discussões teóricas e práticas em diferentes contextos". A partir de memórias que se ligam à reflexão sobre o momento do país, sobre o evento, sobre a cidade de São Luís em diferentes tempos e sobre suas próprias vivências, a autora relata suas práticas de formação enquanto artista e docente, no exercício de uma escrita que passeia sobre o sensível e uma educação dos sentidos, proposta poeticamente por Rubem Alves. Nos caminhos de uma pedagogia engajada *Freireana* tomada pela perspectiva do feminismo de Bell Hooks.

Palavras-chave: COLIPETE, Formação Artística, Pedagogia Do Teatro, Pedagogia Engajada, Educação Dos Sentidos.

Abstract:

This article has its reflections woven from the intersection of the author's memories, taking as its starting point the COLIPETE 2018: II International Colloquium of Pedagogy in Theater, held in June 2018 at the Federal University of Maranhão (UFMA) with the theme: "Territories in Theater Pedagogy: Theoretical and Practical Discussions in Different Contexts". From memories that are linked to the reflection about the moment of the country, about the event, about the city of São Luís at different times, about their own experiences, the author relates her training practices as an artist and teacher, in the exercise of a writing that goes over the sensibility and an education of the senses, proposed poetically by Rubem Alves. In the ways of a Freirean engaged pedagogy taken by Bell Hooks perspective of feminism.

Keywords: COLIPETE, artistic training, theater pedagogy, deceived pedagogy, sensory education.

Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou
mudando as coisas que não posso aceitar!
Angela Yvone Davis

Este artigo trabalha sobre os sentidos e, portanto, sobre o sensível. Parte da narrativa das experiências vivenciadas em São Luís do Maranhão para evocar outras memórias e

acontecimentos que ajudam a refletir sobre a formação de uma artista-arteira, educadora e pesquisadora em diferentes contextos. Uma educadora que precisa resistir. Existindo! A proposta é refletir de forma labiríntica, porque são muitos os caminhos que levam ao conhecimento. E os conhecimentos, também são muitos! Tenho vivenciado e venho refletindo sobre as possibilidades de conhecer o mundo (visível e invisível) e interagir com ele e suas perplexidades através de uma educação do sensível, sobre a qual aprendo muito com as crianças, com as poetisas e os poetas e com o contato espontâneo e desinteressado (não utilitarista) com as gentes.

Interesso-me pelo encontro com as pessoas no que têm de poesia e de possibilidades, de diferenças e par-essências, de benesses e mazelas nesses viveres da vida que - dura vida! - precisa de invenção e resiliência. Aprender não é apenas verbo bitransitivo inscrito no papel de nossas gramáticas (aprender, aprender a). Aprendemos juntos. Aprendemos com. E aprendemos para alguma coisa. Aprendemos conectados a uma realidade que possa conferir sentidos à própria vida. Sentidos que, além de expandir a vida, podem preservá-la!, semente que são daquilo que virá depois (como somos nós os frutos do que foi semeado antes). Então, e apesar dos tantos nós de nossa existência e dos *ai de nós* diante de toda uma estranha conjuntura, quero acreditar que a vida quer viver, e por isso é preciso r(e)existir!

Intuo uma poética no ver, no viver, no sentir, no existir no mundo que parece essencial investigar e incentivar nas pedagogias de toda área do conhecimento humano, independente de estarem focadas na área artística, mas mais especialmente ainda quando estão, como é o caso da Pedagogia do Teatro. Diz o poeta Murilo Mendes: “Todo homem é poeta entre os quinze e vinte anos. A nova educação deve fazer do homem um poeta em todas as idades, sem que lhe seja necessário escrever versos. Viver a poesia é muito mais necessário que escrevê-la” (MENDES, apud ALVES, 2012, p.32). Na era dos tarja pretas, dos conformismos, das impotências e das virtualidades, a vida pede cada vez mais por inventividade, presença, poesia e outras formas de olhar, de sentir e de se envolver e se comprometer com o mundo. De forma poética. Artística. Recordando Nietzsche ao dizer que precisamos da Arte pra não morrer da verdade. Uma Arte com “A” maiúsculo mesmo.

As labirínticas reflexões do artigo (como labiríntica é a vida), são tecidas a partir do cruzamento de memórias, e tomam como ponto de partida o COLIPETE 2018: II Colóquio Internacional de Pedagogia em Teatro, ocorrido em junho de 2018 na Universidade Federal do

Maranhão (UFMA) com a temática: “Territórios em Pedagogia do Teatro: Discussões teóricas e práticas em diferentes contextos” (ocorrido em junho de 2018). Reflexões memoriosas tecidas também em diálogo com a temática do presente dossiê: “Pedagogia das Artes Cênicas: como ainda (re)existir?”¹

Tomo a obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* de Bell Hooks (2017) como premissa-referência do artigo e da vida, emaranhada que está no pensamento-ação de outras mestras e outros mestres que me inspiram. Nas reflexões-memórias de Hooks vemos a *pedagogia engajada Freireana* ampliar-se na vivência de uma educadora estadunidense considerada periférica, mulher negra e militante de um feminismo que não se sente representado pelas tradicionais correntes feministas que, importantes e pioneiras, ainda assim não conseguiram abarcar a realidade de Hooks e outras tantas mulheres em suas condições.

Na referida obra, é através do relato de suas vivências que Bell Hooks propõe pensar uma pedagogia não apenas progressiva e emancipatória, mas holística, de uma ordem verdadeiramente espiritual e erótica, no que tem de pulsão com o compromisso de uma constante autoresponsabilização dos sujeitos do processo ensino-aprendizagem (aquilo que ela chama de *autoatualização*). Uma forma de interação que gera bem estar, por promover a interconexão dos conhecimentos de forma coerente com a vida em sua realidade cotidiana. Um processo em que não se busca “somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (2017, p.27), tomando suas condições e contradições a partir daquilo que a vida ora apresenta.

Hooks fala sob a perspectiva de uma *educação multicultural*, que além de abraçar os seres, deve abraçar todos os saberes hoje excluídos pelos sistemas de dominação vigentes, refletidos nas práticas educacionais tradicionais autoritárias assentadas no *conteudismo*. Uma pedagogia engajada apoiada em práticas nas quais saberes, vida profissional e pessoal, assim como as dimensões corpo-mente-espírito, são tomados em conjunto, fortalecendo e capacitando os envolvidos a viverem melhor a vida, seja individualmente, seja coletivamente, já que uma coisa

¹ Importante explicar que este texto foi escrito em sua primeira versão em 2018, e foi apresentado primeiramente para publicação nos Anais do próprio COLIPETE em 2018. No entanto, e por ter sido enviado fora do prazo, seguiu na gaveta. Retomei-o em setembro de 2019, motivada pela possibilidade de sua publicação neste dossiê da revista IAÇÁ, Artes da Cena (Dossiê n.3 publicado em parceria com o VI Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas, realizado em maio de 2019 na Universidade Federal do Amapá). O período de escrita abrange um momento de retrocesso na legislação e de uma série de violências que ficarão marcadas na história do Brasil e do mundo como um período de distopias, a começar pelas questões que envolvem o processo eleitoral de 2018.

não é possível sem a outra. Uma pedagogia portanto, assumidamente iniciada nas práticas pedagógicas de seu antigo professor, Paulo Freire, que incorpora também a filosofia do *budismo engajado* de Thich Nhat Hanh, focada na prática e na contemplação, posto que considera as múltiplas dimensões do viver humano de forma integrada. Segundo Hooks, a filosofia de Tich Nhat Hanh “é semelhante à insistência de Freire na ‘práxis’: agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (2017, p.26). Buscando bem estar para todas e todos. E não só para alguns. Sob os mais diferentes pontos de vista.

Além de Hooks, tomo como referência para a vida, e portanto, para esta escrita, a filosofia da educação de Rubem Alves inscrita na obra *A Educação dos Sentidos e Mais...*, desenvolvida sobre a premissa de uma educação do sensível e dos sentidos. Rubem Alves é um mestre que há muitos anos me ensinou pela forma-conteúdo-artístico-amorosa de seus escritos que “Os sentidos se educam ao serem tocados pela poesia” (2017, p. 43). Ou seja: pela Arte e pela vivência que se assume sensível e engajada com uma realidade, em constante movimento de atualização. Lição que Bell Hooks fortalece retomando os anseios mais primordiais de antigos mestres na luta por liberdade, dignidade e justiça, não apenas como palavras repetidas jogadas ao vento, mas como exercício de uma prática que se faz todos os dias, todas as horas, a cada minuto, nos espaços e tempos em que, teimando, insistimos em seguir vivendo, ao existir.

Neste texto, como nas linhas e entrelinhas da vida, procuro realizar uma escrita brincante que encontra ressonância: 1) nesse processo educacional engajado e erótico comprometido com o bem estar individual e coletivo, a autorealização proposta por Bell Hooks; 2) nessa proposta de educação do sensível e dos sentidos igualmente engajada e erótica proposta por Rubem Alves através daquilo que me parece ser uma... pedagogia poética!

Esse mestre, velho menino grande que se sabe pequeno, nos fala que a capacidade de brincar pode ser aprendida. E que esse aprendizado tem a ver com: “a capacidade de o corpo ser erotizado pelas coisas à sua volta, de sentir prazer nelas” (2012, p.20). Sempre acreditei nessa visão de mundo do saudoso mestre-poeta ao citar outros² que como ele sentiam, intuía e

² Outros, todes, colegas e outras formas de escrita que neste texto seguem, podem parecer estranhas a algum leitor que não esteja por dentro deste, que se tornou um dos recursos de luta no campo das questões de gênero. A escrita se amolda, cria um vocabulário próprio, produz estranhamentos e toda uma poética (uma linguagem) para fora dos cânones da língua dita oficial. Desta forma, essa e outras expressões referem-se ao meu recente autodesafio de exercitar a escrita em diferentes perspectivas. Além da colocação do “e” no lugar das vogais “a” e “o”, a mesma proposta ocorre também com o uso letra “x” ou pelo caractere “@” (outrxs, outr@s). Esclareço que meu entendimento se forma a cada dia, no devir de cada encontro e ou acontecimento. Assim, sigo aprendendo

manifestavam o mesmo entendimento. E recorro suas palavras ao evocar Roland Barthes quando sugeria que “a educação dos sentidos fosse semelhante ao *Kama Sutra*, o ensino das várias posições possíveis de se fazer amor com o mundo” (ALVES, 2012, p.20). Acredito nesse fazer Amor. Intuo, penso, sinto, percebo, vivencio que: r(e)existimos fazendo Amor com o mundo. Um Amor escrito com a mesma letra maiúscula com que escrevemos, vivemos, sentimos, fazemos e intuimos a nossa Arte.

CHEGANÇAS... A PRIMEIRA COMUNIDADE: A CASA

Não existe salvação pra essa pobre humanidade que não seja o caminho desses Mestres da Vida Viva³.

Carlos Gomide

Na última hora, apenas dois dias antes da viagem, um sábado a tarde, abro um e-mail dizendo que minha reserva no hostel onde ficaria em São Luís do Maranhão havia sido cancelada. Tentei organizar outros lugares mas os valores estavam bem mais altos, de forma que eu não poderia arcar com os custos. Quase desisti da viagem. Não sou de fazer isso, mas 2018 vinha sendo um ano difícil em vários sentidos. A mudança do Norte para o litoral do Sul do país, com toda a família, incluindo o cachorro, para fazer o doutorado. A negativa do acompanhamento de cônjuge por um erro judiciário, ficando sozinha com as crianças na nova cidade desde novembro de 2017. A adaptação dos filhos, montar e fazer funcionar uma casa, a (não) rotina, as aulas do doutorado, a pesquisa de campo no Nordeste e Sudeste e... uma gravidez nada planejada, mas muito bem vinda! Solitária gravidez.

linguagens, procurando menos valorizar a gramática dos livros e da academia do que valorizar a gramática das gentes e de seus movimentos em busca de respeito e em busca de um espaço para existirem. Literalmente: existirem!, se pensarmos na referida luta de respeito à preservação da vida (permanecer viv@) travada no país em que mais machuca, tortura, violenta e mata pessoas que não se enquadram na tradicional divisão de gêneros: (feminino e masculino, homem e mulher. Uma divisão que sempre excluiu a singularidade de milhões de pessoas ao longo da história. E aqui nem estou me referindo e incluindo os crimes de violência contra a mulher, geradores de outra fábula de estatísticas que deveriam fazer toda e qualquer criatura humana se comprometer a discutir e encampar a luta por condições de igualdade e dignidade humana.

³ A expressão Vida Viva traduz uma visão de mundo associada aos mestres e mestras que influenciaram a família Carroça de Mamulengos em suas práticas e princípios, servindo de alicerce para toda uma ética nos modos de ver e viver a vida e produzir Arte. Uma espécie de utopia que nos fala sobre respeito, dignidade humana e justiça social. Uma espécie de vivência em que a família buscou ser coerente com os princípios que pregava, a exemplo da opção de serem vegetarianos. Inicialmente a expressão foi usada para se referir às oficinas de produção de alimento (cural, pamonha, pé de moleque, farinha, etc.) realizadas em praça aberta com o público presente preparando o alimento, compartilhado ao final da oficina.

Eu, mulher, 40 anos, artista-arteira, educadora-sonhadora e mamãe de *três*, como fiz questão de atualizar na assinatura automática de meu e-mail, onde antes se lia *dois*. Meus filhos sempre entraram nos meus currículos e fazem parte do meu lattes, no qual também defendo não ser possível separar vida profissional de pessoal, porque os filhos fazem parte da vida, assim como o trabalho, a pesquisa e tudo mais que se entrelaça nas entranhas cotidianas da existência de uma mulher. Uma gravidez desejada, então! Cercada de surpresas inesperadas. Seguida de um aborto indesejado. Aborto triste e prolongado no tempo pelas incertezas de ser um feto morto ou uma gravidez mais recente: 17 dias de espera, ultrassons repetidos e incertezas viscerais. Afinal, o que é um feto? um filho? uma filha? bem pequenininha do tamanho de um botão, que a gente não sabe se nasce ou não???!!!

Eu, mulher, 40 anos, artista-arteira, aprendiz de Vida Viva, educadora-sonhadora, mamãe de *três*, professora licenciada, pesquisadora, doutoranda, militante de várias que considero justas causas, vivendo as violências de uma curetagem em tarde de arco-íris gigante que ficou marcado na memória. Para depois viver outra série de desventuras que culminaram em um processo de separação muito doloroso. Naquele momento, um processo em pleno movimento. Muitos processos reunidos e profundos, divisores de água. E senti pela primeira vez as forças que me eram tão características sumirem assim, sem mais, nem menos. Dia após dia. Enquanto o corpo ia entrando em colapso. A anemia, as taxas hormonais de um hipotireoidismo crônico descontroladas, a reposição artificial de ferro pela veia, o inchaço do fígado, a gastrite avassaladora e os rins. Ai, os rins! Eu não sabia ao certo onde ficavam os rins em mim. Onde doíam meus rins. Durante o COLIPETE eu descobri: os rins doem. Muito!

A dor nos rins começou mais ou menos durante a situação em que o hostel havia cancelado a reserva, e eu já estava certa de desistir da viagem, sinceramente quase agradecendo por isso. Pelo menos até me atentar que as passagens para o Maranhão (que haviam sido compradas pelo Programa de Pós-Graduação da UDESC) não poderiam ser devolvidas. E o dinheiro simplesmente seria perdido se eu não fosse viajar, uma vez que as passagens são nominais e intrasferíveis. Dinheiro público gasto à duras penas! Desperdício de uma verba preciosa, sempre usada à conta gotas nos departamentos de Arte das universidades brasileiras. E sim, sou extremamente zelosa e ciente da responsabilidade de uso deste dinheiro. E afirmo com toda a convicção que outres colegas também o são, apesar dos ataques que tentam desacreditar

funcionários públicos e mais recentemente os professores de instituições públicas de ensino superior de forma tanto equivocada quanto generalizada. E sim, também afirmo com toda convicção: há também os que não possuem o menor comprometimento com isso tudo, mas quero muito crer e assim percebo, não são a maioria.

Enfim, já estávamos sofrendo as consequências dos cortes de verbas dos anos pós golpe (golpe mesmo!), especialmente após a entrada em vigência da emenda constitucional de congelamento dos investimentos em educação pelos próximos 20 anos, conhecida como a PEC da maldade. E que golpe!!! A Petrobrás já na loteria da imoralidade neoliberal. E isso para citar apenas o que estava para aquele momento pré-eleitoral, ressaltando a importância de fazer memória destes fatos porque em tudo têm a ver com a Pedagogia da Arte e do Teatro, com a vida do educador artista em processo de formação perene e com a temática de se pensar as formas de ainda (re)existir⁴.

A situação de perda da passagem envolvia a referida responsabilidade, à qual ainda acrescento o imenso privilégio de ser eu uma professora efetiva licenciada com remuneração que possui comida, teto e agasalho, para usar as palavras de Carlos Gomide, já citado como autor da epígrafe que abre esta seção. Para além do colapso do corpo, tomei força e resolvi fazer o melhor para dar um jeito na situação. Entrei em contato com colegas do curso da pós-graduação que, residindo comigo no Sul, me colocaram em contato com o Nordeste, de forma que em menos de quarenta horas eu estava na casa de duas professoras de Teatro da rede municipal e estadual formadas na UFMA (e manifesto aqui minha profunda gratidão por isto!). Acolhida no pequeno quarto da pequena casa da pequena vila, numa cama enorme, que depois vim a dividir com outra colega do programa de doutorado no Sul, também acolhida pelas professoras maranhenses, que fizeram de tudo e de algo mais para nos receberem muito bem.

Aqui, a primeira comunidade. A convivência da casa onde fico, onde durmo, tomo banho. Onde sou recebida e também recebo. A casa onde dois dias depois chegam mais dois jovens companheiros baianos, também professores de Teatro na rede pública, que vieram de carro numa

⁴ Quase um ano e meio depois está aí o desenvolvimento dos fatos posteriores ao período eleitoral comprovando essas inseparáveis conexões. Tenho evitado as notícias. E procurado fazer algumas ações diretas em comunidades mais atingidas pelas violências do desgoverno que ocupa as instâncias oficiais desde então. Ações pontuais e muito insignificantes do ponto de vista de tudo o que seria preciso fazer para se modificar substancialmente o quadro. As possíveis dentro das demandas de um doutorado cujo prazo de realização é de três anos, dadas as normativas da universidade onde atuo. Ações que, apesar de nossas pequenezas, talvez possa algo nesses delicados espaços de convivência onde a vida efetivamente acontece.

longa viagem de quase dois dias para participar do COLIPETE como ouvintes (sem inscrição prévia), pelo interesse da viagem, de participar do evento e da convivência com as amigas anfitriãs, que fazem sua pequena casa render no tapete da pequena sala. A casa onde fizemos juntas (com 'e' mesmo) algumas refeições, bebemos do vinho, da cerveja e da cachaça comprada na tradicional loja do antigo mercado recomendada por seus poderes mágicos (eu ainda com receio da recente gastrite, em doses bem moderadas). As convivências e vivências na casa iam me ajudando na cura das dores da chegada, ao longo da semana.

De tudo isso se faz o II Colóquio Internacional de Pedagogia do Teatro, o COLIPETE 2018 (e certamente outros encontros): dos encontros que acontecem nas linhas invisíveis que geralmente não citamos nos artigos. Se faz da casa onde trocamos sobre tudo! Arte, política, metodologias de ensino do teatro. As dificuldades da vida de artista e de professores de Arte, tempo (muitas vezes a falta dele!) para criação artística diante das tantas responsabilidades e trabalhos para compensar a péssima valorização e remuneração profissional (ali eu era a pessoa com a situação financeira mais confortável, mas todos nós conhecíamos bem situações ainda bem mais desfavoráveis⁵). A sobrevivência na corda bamba da vida, repleta de desejos e sonhos que muitas vezes vão sendo esquecidos, enquanto outros, se realizam sem que a gente se lembre que sonhou.

Falamos sobre religiosidades africanas e indígenas, culinária, medicinas tradicionais e alternativas aos itens da perigosa indústria farmacêutica, e, sobretudo, sobre nós mesmos, sobre cada um de nós. Nós, artistas e educadores em contextos diversos, em momentos diferentes da vida. Nós, de diferentes culturas e cantos de um Brasil, que tocamos e cantamos músicas com os instrumentos que trouxeram os colegas baianos, embora nenhum de nós, a rigor, se considere músico (somos do Teatro!). Faz parte da pedagogia: o instrumento é de todos! Todos podem tocar, até quem acha que não sabe⁶. Como diz Rubem Alves:

⁵ Por ocasião do nascimento de meu primeiro filho eu e meu companheiro contávamos com até oito projetos em andamento (área artística e educacional), e não era raro que não conseguíssemos arcar integralmente com os custos de uma vida extremamente simples e desprovida de gastos supérfluos. Passamos por situações extremamente constrangedoras, mas ainda assim conscientes do quanto ainda estávamos bem se pensássemos na maioria da pessoas que cumpriam seus horários batendo seu ponto nos quadros de uma cultura colonial que seguia (e segue) escravizando e assassinando vidas e sonhos.

⁶ Uma das práticas que tenho desenvolvido em vários contextos é levar um cesto cheio de diversos tipos de instrumentos musicais convidando as pessoas a tocarmos juntas. Procuramos uma música comum ou simplesmente começamos a pesquisar os sons dos instrumentos orientados por um objetivo de ouvirmos a todos os outros instrumentos em seu conjunto, para assim tocarmos JUNTOS, em harmonia. Saem sonoridades incríveis que dão muito

A educação de nossa sensibilidade musical deveria ser um dos objetivos da educação. Os conhecimentos da ciência são importantes. Eles nos dão poder. Mas eles não mudam o jeito de ser das pessoas. A música, ao contrário, não dá poder algum. Mas ela é capaz de penetrar na alma e de comover o mundo interior da sensibilidade onde mora a bondade. Afinal, esta não deveria ser a primeira tarefa da educação, produzir bondade? (ALVES, 2012, p. 40).

E falamos sobre nossos estudantes, companheiros passageiros de jornada e de vida, e sobre seus próprios contextos, comunidades, sensibilidades, dificuldades e potencialidades, sobre quando o trabalho realmente acontece, elevando a todos, ou não, porque a Arte é também um grande mistério, para além de todo o nosso esforço e desejo. O Teatro na comunidade. O Teatro de rua. Político. Questionador. Que faz sonhar... O Teatro para a sala. O teatro na sala de aula: maranhense, baiana, paulista, mineira, catarinense... Quanto multiculturalismo cabe na vida de seis de nós, alguns participantes do COLIPETE 2018? Quantos contextos cabem num evento? Quantos eventos cabem em nós?

Importante falar de nós e de nossos nós, dividindo o teto durante alguns dias para se pensar a pedagogia-pedagogias do Teatro. Para se pensar os contextos em que vivíamos, frisando as mazelas da política educacional discutida em mesa especial no último dia do COLIPETE, discutindo a reforma golpista da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), com participação representativa de várias instâncias e esferas educacionais. Nós, tão pequenos diante de uma estrutura que parece pulverizar nossos esforços. Nós daquela casa de colegas que se tornam amigos, irmanados na vida invisível, e quase invisíveis, neste contexto, felizmente quase invisíveis no meio de tantos e tantos outros participantes do COLIPETE que, quiçá, acredito, também estavam vivendo suas próprias experiências de vivências e convivências. Suas próprias experiências em contextos de multiculturalidade, para lembrar as lições de Hooks e Freire já citados.

As performances, apresentações teatrais, intervenções e oficinas artísticas do COLIPETE propiciaram e incentivaram muitas dessas práticas de convivência, com sentidos compartilhados e multiplicados em vivências e encontros que não se tem como abarcar quantitativa ou

prazer e alegria a todes envolvidos, especialmente a quem nunca teve a oportunidade de pegar e tocar um instrumento com suas próprias mãos.

qualitativamente (tornamo-nos Cardume!⁷). Encontros em que a pedagogia teatral não se resume ao debate teórico, nem meramente intelectual, mas se estende pelos poros através de uma pedagogia prática, sensível, dinâmica, engajada e comprometida socialmente, libertadora, lúdica, brincante e erótica, fazendo memória nos corpos e na pele de cada um de nós. Nós do Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste. Surdos-mudos, cegos, videntes! Nós do Canadá, nós da América Latina, nós do mundo!

O colóquio foi um evento de muitas inscrições e muitas colaborações, a começar pelos organizadores e suas camisetas vermelhas, espalhadas por todos os cantos para onde se olhava na UFMA (tome-se a UFMA agora pelos espaços do Centro de Ciências Humanas e seu entorno, por onde circulamos, já que aí residiu a experiência vivida da qual se pode falar). Uma equipe bem jovem e bem coordenada, comprometida em fazer acontecer a sequência interminável de atividades pela cidade velha, cidade nova, renovada em tempos de São João. Cidade de Côco e Cacuriá, sarapatel e arroz de cuxá! Cidade de Quadrilhas e Bois, brincadeiras e matracas! Cidade onde conheço, na zona rural, Mestra Maria do Côco! - na festa do famoso Boi de Maracanã, do falecido Mestre Humberto Maracanã, então homenageado. Uma festa que começa no terreiro sede do Boi e depois segue itinerando a noite inteira por outros rincões que vamos percorrendo em romaria alegre e festiva. Dona Maria do Côco, Mestra de Côco, que ainda ontem me ligou, dizendo: “a gente pra fazer alguma coisa nessa vida, tem que lutar muito minha filha!”.

A mesma Maria que chorou na Noite de São João quando eu lhe disse que imaginava que grande guerreira ela deveria ser para estar ali como Mestra de uma tradição, quando o que se vê, são Mestres (homens): “eu lutei muito, lutei muito mesmo!”. A voz embargou e as lágrimas desceram. Ela mulher, ela preta, ela pobre, ela analfabeta! Ela mãe, ela líder comunitária, ela mulher entre mulheres, preta de pretas. Ela que afogava suas dores em repetidos copos de cerveja. Maria de Marias. Ela que ouviu da boca de Mestre Humberto ao ver o grupo de Tambor de Crioula Manto de São Benedito abrindo terreirada: “Dona Maria, a senhora é uma Mestra!” (a voz embarga de novo). Ela que disse a frase que o antigo mestre de Boi repetia como se fosse sua, tornando célebre o pensamento (que agora não consigo mais me lembrar qual era). Ela que não reivindicou a autoria da frase, deixando-o repetir (e depois ao povo que o citava) como se dele

⁷ Em alusão à performance interativa Cardume, realizada pelos corredores da UFMA durante o COLIPETE a partir da proposta da Professora Doutora Candice Didonet da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

fosse. Ela, amiga do Mestre Humberto até o fim. Ela que, quando passam o documentário dele no telão, vira sua cadeira e diz que não quer ver, porque sente saudades: “ele era meu amigo”.

Encontros e desencontros com a cidade e suas gentes. Gente de todo lugar, da cidade e de fora dela, de dentro e de fora do encontro, de dentro e de fora do Brasil. Gente que - calcule-se - multiplica ao invisível aquilo que números e cartesianismos acadêmicos jamais serão capazes contabilizar. Como disse Márcia Pompeu Toledo⁸ alguns anos antes, ao final de sua comunicação no II Encontro Internacional de Teatro na Comunidade⁹, em Florianópolis, falando sobre o trabalho desenvolvido durante anos continuados de extensão junto à uma comunidade local: “o que pudemos constatar, além daquilo que já comentamos sobre os processos desenvolvidos, era a alegria presente entre os participantes. Mas alegria não se mede. Como medir a alegria?” E como medir o valor de experiências em um encontro de educadores de teatro educando a si mesmos em um Colóquio internacional de Pedagogia do Teatro? Quantos e quantas, neste encontro, nunca tinham visto um Boi? Quanta força e alegria podem surgir a partir do contato com as tradições?

Cheguei doente, dolorida, cansada. Saí alegre, repleta de energia, curada! São assim as pessoas que vivem sua vida na arte e na educação com sede de arte e de vida, apesar dos tantos pesares: gente de cura! Gente que, não tendo tempo para nada, em vez de dividir, multiplica! E penso, em analogia de contextos, na obra de Bell Hooks ao contar que “A obra de Tich Nhat Hanh sempre compara o professor a um médico ou curador. Sua abordagem, como a de Freire, pede que os alunos sejam participantes ativos, liguem a consciência à prática” numa pedagogia que “põe em evidência a integridade, uma união de mente, corpo e espírito” (2017, p.26).

Dizem que a casa da gente é onde a gente está. Eu acredito!

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS E CONTEXTOS DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO DIVERSOS

Mãe, hoje eu aprendi uma coisa:
que a gente aprende olhando.
E imaginando. E fazendo.

⁸ Professora doutora cujo trabalho prático nas comunidades e suas interações com o contexto da universidade fez estabelecer e consolidar o campo do Teatro Comunitário no Brasil.

⁹ Campo que estuda e valoriza as práticas de teatro que fizeram parte de minha formação, iniciada fora dos muros da universidade e de outras instituições (como ainda comentarei). O Teatro Comunitário se relaciona com muita intimidade com o campo da Pedagogia Teatral, interseccionando boa parte dos estudos e pesquisas compartilhados em contextos educacionais. Muitos destes contextos foram objeto de pôsteres e comunicações orais do COLIPETE, nas mesas: 1) Pedagogia da Cena e Formação do Artista; 2) Identidades e Gêneros na Pedagogia do Teatro.

Minhas anfitriãs, nascidas e criadas maranhenses, atuantes na luta feminista negra, professoras de Teatro em escolas públicas da cidade, saíram cedo e me deixaram as chaves para tirar cópia. Chamo um Uber-x e sigo para o credenciamento e conferência de abertura. A cidade são cidades. Mal entro no carro e confirmo a ida à UFMA para o motorista seguir, e começa um exercício afetivo de lembrar a cidade que havia conhecido 17 anos atrás, em janeiro de 2001, no VI Encontro Nacional de Estudantes de Arte (ENEARTE). A cidade é memória, e me lembro logo da primeira oficina circense que fiz, aos 21 anos, num ginásio da UFMA, com o professor Ricardo, da Escola Nacional de Circo do Rio de Janeiro: malabarismo, acrobacias de solo, aéreas e cuspir fogo!!! Chega uma hora que a gente já não lembra onde aprendeu alguma coisa que se acostumou a fazer, e que também passou a ensinar pros outros. Recordei!

O ENEARTE havia sido um marco importante, em vários sentidos. Havia deixado um curso de Direito exatos dois anos antes do encontro. Mudei os planos da vida, desviando o curso da menina branca (parda, como assinalava minha cor nas enquetes estatísticas mais antigas), classe média (mãe e pai primeiros diplomados de suas famílias), que não veio de uma família de artistas, nem de uma família rica, para estudar Artes: Imagem e Som numa cidade do interior do Sudeste (São Carlos-SP). Por minha conta e risco, uma vez que a família já havia arcado com sua obrigação no primeiro curso, abandonado ao quarto ano. A viagem do ENEARTE foi bancada pelo trabalho no Censo 2000, e o suado dinheiro dos panfletos que entreguei para uma loja no calçadão do centro da cidade, juntando trocados para poder viajar. Nessa época já tinha começado a fazer teatro nas ruas dessa cidadezinha de muitos morros: teatro político, teatro de assalto e intervenções, teatro na ONG dos 'pés rachados', nós que fazíamos também o plantio de mudas no entorno da nascente, a tinta de terra, o teatro ambiental, o teatro em espaços alternativos e também o teatro de sala, no Teatro Municipal de São Carlos (embora preferíssemos a arena do lado de fora da sala oficial).

Como o ENEARTE, o trabalho na ONG foi um marco, um importante lugar de formação. *ONG Ramudá: Ramos que brotam em tempos de mudança*, onde atuei de 2000 a 2006 em um coletivo que reuniu dos *graduandos pé rapados* e *estudantes engajados* aos operários e

¹⁰ Maria é minha filha, e quando disse essa frase tinha então 6 anos, em uma tarde de setembro de 2018, enquanto eu escrevia este artigo e ela observava os pequenos tecidos que bordou pela manhã depois de eu ter lhe ensinado o pouco que aprendi com minha mãe sobre essa Arte.

domésticas assalariados, além das crianças, que apareciam de fora e de dentro da gente. Éramos idealistas e práticos de carteirinha, artistas em construção, atuando em diversos contextos culturais e ambientais, incluindo o de acompanhar a implantação da coleta seletiva na cidade de São Carlos, cooperativando os catadores do lixão. De ONG tínhamos o nome, as boas intenções e uma série de ações, a maioria delas feita como trabalho voluntário. Essa remuneração, se existia, ficava para as despesas da sede e para os adultos já formados, que já tinham filhos para alimentar. A manutenção era feita nos mutirões. E esclareço que no início dos anos 2000 ainda não era possível trabalhar segundo os benefícios que posteriormente se abriram a partir da política cultural iniciada por Gilberto Gil como ministro da Cultura, nos anos de 2002 a 2008¹¹, que fizeram florescer a era de editais culturais que agora estamos vendo desaparecer. (Foi golpe!)

Trabalhei como criadora de um ateliê de imagens, como fotógrafa, roteirista e editora de vídeos, criadora e revisora de textos de multimídia. Ministrei oficinas e participei de projetos na área de memória envolvendo teatro, literatura, fotografia. Fiz apresentações em praças, creches, colégios, universidades, pátios, escadarias. Fiz pão com poesia! (me casei no delicioso formato *juntar as escovas de dente*. Ele fazia o pão, eu a poesia). Ministrei oficinas em centros comunitários, projetos sociais, fundações culturais, prefeitura, sem ser mestre em nenhuma Arte. Pelo contrário, aprendendo da Arte quando tinha a oportunidade de ensiná-la. E assim conheci o Teatro pobre! Teatro Essencial! Arte relacional! Fiz teatro de fábrica, teatro universitário, brechtiano, comunitário, teatro de objetos. Teatro de bonecos, de formas animadas. Leituras dramáticas, performances. Coloco no singular pela natureza da escrita solitária do texto autoral, mas importante dizer que se tratavam sempre de experiências essencialmente coletivas, feitas a várias mãos, pernas, braços e *a vários sonhos*!

Tudo muito simples – e boa parte das nomenclaturas e conceitos correspondentes só vim a conhecer anos depois, alguns no período do mestrado, aí sim, em curso na área teatral. Tudo tão simples que só vim a descobrir o real valor dessas experiências com o tempo. Experiências que

¹¹ Gil instituiu uma política cultural que procurou romper com a situação do estado como cooptador cultural e mero mecenas patrocinador de eventos (visão utilitarista e oportunista que enxerga a cultura como bem secundário) para instaurar uma visão mais estrutural, que trata da cultura como um sistema complexo que envolve toda uma realidade social. Diz o próprio Gil: “Neste mundo ainda marcado por injustiças e desigualdades, está provado também que a cultura qualifica as relações sociais e reduz os focos de tensão e violência, elevando a autoestima e o sentido de pertencimento do indivíduo. Ela liga as pessoas, estimula as trocas, aproxima, identifica, induz à superação, faz pensar, enfim, valoriza o que o ser humano tem de mais humano, para o bem e para o mal. Faz com que a gente seja mais e vá além, experimentando novos rumos” (GIL, 2005, p. 105). Uma definição de cultura que, para além dos *folclorismos*, qualifica sua dimensão, percebendo-a, tal como é, como a Arte viva e necessária ao desenvolvimento humano.

fazíamos sem o uso de conceitualizações teóricas e metodologias acadêmicas pré-determinadas que não as intuídas em campo de trabalho. Éramos essencialmente intuitivas e intuitivos nos processos, e cada um deles nos munia de um conhecimento que silenciosamente foi criando em nós um repertório singular. Especialmente quando já estava nos quadros de docente universitária, ao me deparar com colegas artistas de carteirinha e DRT, graduados em Teatro e Licenciatura em Teatro em instituições consolidadas na área (USP, PUC, UNICAMP, UFOP, UFSC, UFRN, UFMG, UFU, UFG, etc.), percebi o quanto esses conhecimentos eram consistentes e faziam diferença em minha formação.

Sigo divagando enquanto o motorista do Uber-x passa ao lado do Centro Histórico que me faz recordar outras imagens na cidade velha das minhas memórias: os prédios de azulejos decorados onde passou o cortejo final do ENEARTE, acendendo protestos contra a farsa das comemorações dos 500 anos do Brasil, denunciando: o genocídio indígena, a precarização total dos serviços básicos de atendimento à saúde da população, o entreguismo dos recursos naturais ao capital estrangeiro, os juros extorsivos da então dívida com o FMI (quitada em 2005) e a implementação de mecanismos de privatização do ensino público superior, me fazendo lembrar que, qualquer semelhança com tempos recentes, não é mera coincidência! (Golpe!!!)

Converso com o motorista do Uber. Ele é estudante do curso de História da UFMA e dirige todo o horário em que não está no curso, numa jornada de 14 horas por dia (estuda quando o carro está parado e só vê a filha no domingo, quando folga). Ele me fala sobre a vida na cidade e a festa do São João. Tenta calcular o número de habitantes da cidade, que, comento, já não parece mais tão colorida como nos idos do início dos anos 2000. Ele me conta que naquela época houve a restauração do centro histórico para as comemorações do 'descobrimento' (eu me lembro, fizemos protestos durante o ENEARTE). E que depois disso nunca mais houve reforma, a não ser uns retoques em alguns governos e datas festivas. Me fala um pouco das mezinhas da política e da coronelância local, das oscilações do preço do combustível e da recente greve dos caminhoneiros, ocorrida exatamente um mês antes. Falamos sobre o pré-sal, fatiado à preço de banana em nome de uma suposta crise (refinarias vendidas pelo valor do lucro auferido no balanço do ano anterior de forma arbitrária e criminosa). Ele possui uma criticidade lúcida e bem informada sobre o assunto.

O Uber entra na UFMA. O motorista diz que pensa em deixar o curso na universidade para poder dirigir período integral (mais?), porque, da forma como as coisas pioraram, não estava mais dando para pagar as dívidas. Ele não se referia às contas, porque as contas no sistema do capital financeiro, são agora dívidas que se acumulam no sistema juros sobre juros, outrora considerado ilegal. Digo a ele que tente segurar as pontas e finalizar o curso. Ele recebe a dica e me deixa próximo ao Centro de Ciências Humanas onde vai acontecer a abertura do COLIPETE. Vou caminhando e ao chegar no prédio reconheço a escadaria (antes cinza, agora colorida), os arcos e as formas da construção onde fiquei alojada no ENEARTE. Não me lembrava do nome, mas o prédio era o mesmo!

A universidade, como a cidade, é memória viva, e me dou conta do quanto também pertença a esse lugar que tenho criticado pelo seu distanciamento com a realidade social do país e com as próprias disputas em jogo na cooptação das instituições. Enquadrando melhor a crítica: pelo seu distanciamento do que está para fora das grades e muros institucionais, pelo distanciamento mesmo do que está para fora da parede da sala de aula, dos espaços, tempos e produtividades insólitas, onde cada pequeno feudo ocupa seu pequeno quadrado. Essa universidade onde, via de regra, e a despeito das conquistas pelo sistema de cotas, quase não se vê a população negra, senão como parca minoria, assim como ocorre com a população indígena, cuja representatividade é ainda menor – e nem menciono a dificuldade de permanência. Depois de alguns meses nas universidades de peles de tons pastel da região Sul, essencialmente branca de olhos claros (e muito respeito à todes instituições e gentes), a primeira diferença salta aos olhos: as cores! Dos cabelos, das roupas, das paredes, mas principalmente, a cor da pele! A UFMA é uma universidade negra! Percebo com muita alegria: a UFMA é preta! E, com mais alegria ainda: incrivelmente LGBTT, AI+ e tals! Alegria, Pajubá! Dá pra ver!

Vejo uma universidade repleta de diversidades, construções físicas e desconstruções simbólicas que interferem nos prédios, no clima dos corredores e na própria cidade, como pude ver nos trabalhos de pesquisa e extensão apresentados nos pôsteres e comunicações do COLIPETE pelos estudantes e professores locais, relatando ações educacionais e artísticas engendradas nas comunidades mais longínquas do aglomerado da Grande São Luís¹². Cidade onde, apesar dos tantos avanços, ainda se morre por se ser pobre, por se ser bicha (lésbica e o que mais for de ser),

¹² Conurbação de 13 cidades que compõe a Região Metropolitana de São Luís, com cerca de um milhão e meio de habitantes.

por se ser preto, preta, mulher, indigente, criança *mal nascida*, ou, como em outras cidades, só que em menor número, por se ser criança, jovem ou velho bem nascido ou bem nascida, vítima das ditas (essas sim classificadas nos classificados) violências da cidade. Cidade como outras tantas nesse Brasil colonial. Cidade das ditas e desditas. Cidade de cidades. Colônia de colônias. Um Brasil ameaçado, como em outros lugares do mundo, de retroceder (ainda mais!!!) em incríveis conquistas históricas que me (e nos) permitiram chegar até aqui: podendo pensar, e dizer, e escrever o que estamos a pensar, a dizer e a escrever. Mas até quando???

E sigo a refletir, no exercício do agir-contemplar, pressuposto deste estudo de sentidos pre(s)entidos, intuídos, vívidos e vividos: Que história-histórias estamos construindo? Há espaço para acolhimento de diversidades e divergências? Para ações que coloquem em prática ideias inteligentes que deem conta de nossos anseios mais profundos? Que pedagogia-pedagogias estamos engendrando? Que contexto-contextos estamos favorecendo em nossas práticas de vida, de Arte e de educação? Há espaço para utopias? Para cultivar o sonho? Para se viver a poesia? Para se fazer Amor com o mundo? Existem mesmo cidades invisíveis que podemos erigir em pequenas ações articuladas, apesar dos pesares, e à contrapelo das atuais versões oficiais? Dessas pequenas ações seria possível emergir grandes articulações capazes de alterar um fluxo estrutural?

Entro no prédio velho, na cidade velha, na nova universidade! E começa o evento...

Referências:

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** 8. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

GIL, Gilberto. Uma nova política cultural para o Brasil. Conferência proferida pelo Ministro da Cultura em 9 de maio de 2005, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Rio de Janeiro**, n. 15, jan.-abr. 2005. p.103-110. Disponível em:
<http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_15/15_dossie_GilbertoGil.pdf>.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MENDES, Murilo. In: ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** 8. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

Artigo submetido em 15/09/2019, e aceito em 30/10/2019.